



Impactos e repercussões do estresse na assistência do Enfermeiro e do Médico a pacientes de alta complexidade

Impacts and repercussions of stress in nurse and physician care for high complexity patients

Wanderson Alves Ribeiro

Universidade Iguazu, ORCID: 0000-0001-8655-3789,

Email: nursing_war@hotmail.com

Larissa Christiny Amorim dos Santos

Universidade Iguazu, ORCID: 0000-0002-9705-5811,

Email: amorimlari224@gmail.com

Resumo

O estresse é definido como o estado de resposta do indivíduo frente a um estímulo que provoque excitação emocional. Nesse contexto o local de trabalho se torna um dos maiores desencadeadores do estresse, considerado um problema que atinge grande parte da população ativa e cujos efeitos podem afetar gravemente a vida pessoal e profissional. O objetivo geral desse trabalho é descrever sobre o estresse no trabalho em ambiente hospitalar de enfermeiros e médicos atuantes em unidades de urgência e emergência. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, de caráter descritivo e de abordagem qualitativa. Conclui-se que os setores de urgência e emergência são classificados como um setor muito estressante, por estar reservado para pacientes que necessitam de cuidados de alta complexidade, visto que em sua maioria encontram-se em estado de saúde crítico. Surgindo a necessidade de políticas de melhoria das condições de trabalho e de apoio psicológico aos profissionais de saúde que contribuam para amenizar os efeitos colaterais ao longo prazo.

Palavras-chave: Atendimento de urgência; Médicos; Atendimento de emergência; Enfermagem; Estresse.

Abstract

Stress is defined as the individual's state of response to a stimulus that causes emotional arousal. In this context, the workplace becomes one of the biggest triggers of stress, considered a problem that affects a large part of the active population and whose effects can seriously affect personal and professional life. The general objective of this work is to describe the stress at work in the hospital environment of nurses and doctors working in urgent and emergency units. This is a bibliographical review study, with a descriptive character and a qualitative approach. It is concluded that the urgent and emergency sectors are classified as a very stressful sector, as they are reserved for patients who need highly complex care, since



most of them are in a critical state of health. Emerging the need for policies to improve working conditions and psychological support to health professionals that contribute to mitigate the side effects in the long term.

Keywords: Urgent Care; Doctors; Emergency care; Nursing; Stress.

1. Introdução

O estresse é definido como o estado de resposta do indivíduo frente a um estímulo que provoque excitação emocional. Podendo ser considerado um processo, ou seja, uma cadeia de eventos e acontecimentos e não uma reação única, sendo que a resposta fisiológica ao estresse é fundamental para lidar com as adversidades da vida, uma vez que mobiliza recursos para que o indivíduo se afaste do perigo iminente ou o enfrente, aumentando sua capacidade funcional (FLORÊNCIA et al., 2018; GARÇON et al., 2019).

Porém, quando se torna constante acaba se tornando um perigo. Causando sintomas de desgaste físico e emocional, baixa autoestima, perda da vontade de sair de casa ou realizar tarefas do dia a dia, prejudicando assim, a qualidade de vida do indivíduo (AZEVEDO et al., 2017; FLORÊNCIA et al., 2018).

Nesse contexto o local de trabalho se torna um dos maiores desencadeadores do estresse, considerado um problema que atinge grande parte da população ativa e cujos efeitos podem afetar gravemente a vida pessoal e profissional (OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

Atualmente a palavra estresse tem sido muito recorrida, associada a sensações de desconforto, sendo cada vez maior o número de pessoas que se definem como estressadas ou relacionam a outros indivíduos na mesma situação. O trabalho árduo e prolongado pode interferir negativamente na saúde, aparecendo como fonte de estresse e expondo o trabalhador ao estresse ocupacional (BEZERRA; SILVA, 2012; OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

O estresse é considerado a maior causa de doenças ocupacionais entre os profissionais de saúde ocasionando ineficiência física e mental. Estudos ressaltam que vários são os fatores que predisõem os profissionais ao estresse, como sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento do seu trabalho, condições de trabalho inadequadas e, diante desses fatores, surgem sintomas que prejudicam a sua atuação com qualidade para



com os pacientes (ANDRADE et al., 2014; FLORÊNCIA et al., 2018; GARÇON et al., 2019).

Nessa situação, destacam-se os profissionais enfermeiros e médicos, que, durante o processo assistencial, podem ser submetidos a um nível de estresse que causará danos físicos e psíquicos. Relacionado ao estresse, surgem outros fatores que auxiliam no desgaste físico e mental, como por exemplo, condições de trabalho precárias, altas jornadas e sobrecarga de trabalho, exposição a fatores de riscos, desmotivação profissional, baixa remuneração e dupla jornada de serviços, o que resulta em reflexos negativos na qualidade de vida desse profissional. O elevado nível de estresse comum ao setor de trabalho, acarreta riscos de falhas durante o processo assistencial, o que reflete diretamente na segurança do cuidado prestado (MELO et al., 2013; LEITE et al., 2018; SILVA EVANGELISTA; RIBEIRO, 2020; OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

O estresse ocupacional é resultante da forma como a pessoa lida com as necessidades do trabalho e do modo como realiza o seu enfrentamento. Diversas são as fontes geradoras de estresse, e essas podem interferir no nível de estresse individual apresentado pelo profissional de enfermagem e do médico. Nesse sentido, para suportar situações estressantes, podem ser utilizadas diversas estratégias de enfrentamento, de modo a permitir vivenciá-las melhor, evitando condições patológicas (OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

Os profissionais da área da saúde estão sujeitos ao impacto do estresse, decorrente do cuidado constante com pessoas doentes e situações imprevisíveis, principalmente na unidade de pronto socorro (GARÇON et al., 2019). Esses profissionais estão cotidianamente sujeitos a tensão e ao estresse que, aliados a jornadas longas de trabalho contribuem para o desenvolvimento do estresse ocupacional (SANTANA et al., 2019).

Médicos e enfermeiros que atuam nos setores de urgência e emergência precisam ser capazes de tomar decisões em tempo hábil e distinguirem quais as prioridades a serem implementadas, avaliando o paciente de forma eficiente. No entanto, no setor de urgência e emergência devido à dinâmica intensa de atendimento, há a exigência de que esses profissionais sejam ágeis e objetivos, salientando que o paciente em estado grave não pode suportar longo tempo de espera por tomadas de decisões ou até falhas de conduta (ANDRADE et al., 2014). Além da existência de outros fatores estressores tais como, o número reduzido de profissionais, excesso de trabalho, relações interpessoais complexas



entre outros, fazendo com que o profissional de enfermagem tenha uma carga de trabalho muito desgastante, levando-os a uma situação com inúmeros pontos de tensão (GARÇON et al., 2019).

Esses profissionais de saúde se desgastam não só pela alta demanda de carga de trabalho como, também, pelas tarefas árduas que tem que desempenhar, principalmente nas unidades de emergência, que se caracterizam por receber pacientes com cuidados mais específicos (BARROSO et al., 2015; LEITE et al., 2018).

Na unidade de urgência e/ou emergência o paciente tem que ser tratado com rapidez e técnica, quando muitas vezes chegam desacordados e acompanhados pelos seus familiares. E, nesse momento, o profissional de saúde deve prestar assistência por meio de relacionamento interpessoal, verbal ou não, e o próprio toque, para que possa amenizar a situação de sofrimento e passar tranquilidade ao paciente (AZEVEDO et al., 2017; FLORENCIA et al., 2018; SANTANA et al., 2019).

O objetivo geral desse trabalho é descrever sobre o estresse no trabalho em ambiente hospitalar de enfermeiros e médicos atuantes em unidades de urgência e emergência.

2. Percurso Metodológico

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, de caráter descritivo e de abordagem qualitativa. A pesquisa científica é a atuação básica das ciências na sua indagação e construção da realidade, tornando-a uma atividade expressiva (MINAYO, 2013).

Na atualidade têm-se uma farta e complexa quantidade de dados na área da saúde, fazendo assim, com que haja necessidade de desenvolvimento de artigos e pesquisas, com embasamento científico, para possibilitar melhor delimitação metodológica esclarecendo diversos estudos. Mediante a necessidade, utilizamos a revisão bibliográfica como uma forma de metodologia que possibilita um apanhado de conhecimentos e aplica-se em resultados de estudos concisos não prático do profissional (MINAYO, 2013).

Abordagem qualitativa é aquela que trabalha com informações subjetivas e não numéricas, mas sim, que trabalha com conceitos, ideologias, processos de comunicação humana, entre outros. E apresenta facilidade de definir hipótese ou problema, de explorar



a interação de certas variáveis, de compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, de apresentar mudanças, elaboração ou formação de posição de determinados grupos, e de permitir, em grau de profundidade, a interpretação dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos (MARCONE; LAKATOS, 2017).

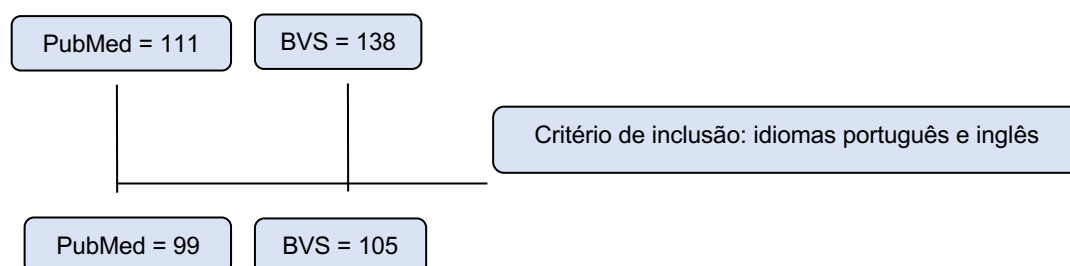
Perante a certificação, pode-se deduzir que a aplicação de métodos científicos não é competência específica da ciência, com tudo não existe ciência sem o uso de métodos científicos. Como tal característica, o método é a agregação de atividades sistemáticas e lógicas que, permite com total segurança e economia, atingir o objetivo, com estudos válidos e verdadeiros, elaborando roteiros a serem seguidos, encontrando erros e contribuindo com soluções dos cientistas (MARCONE; LAKATOS, 2017).

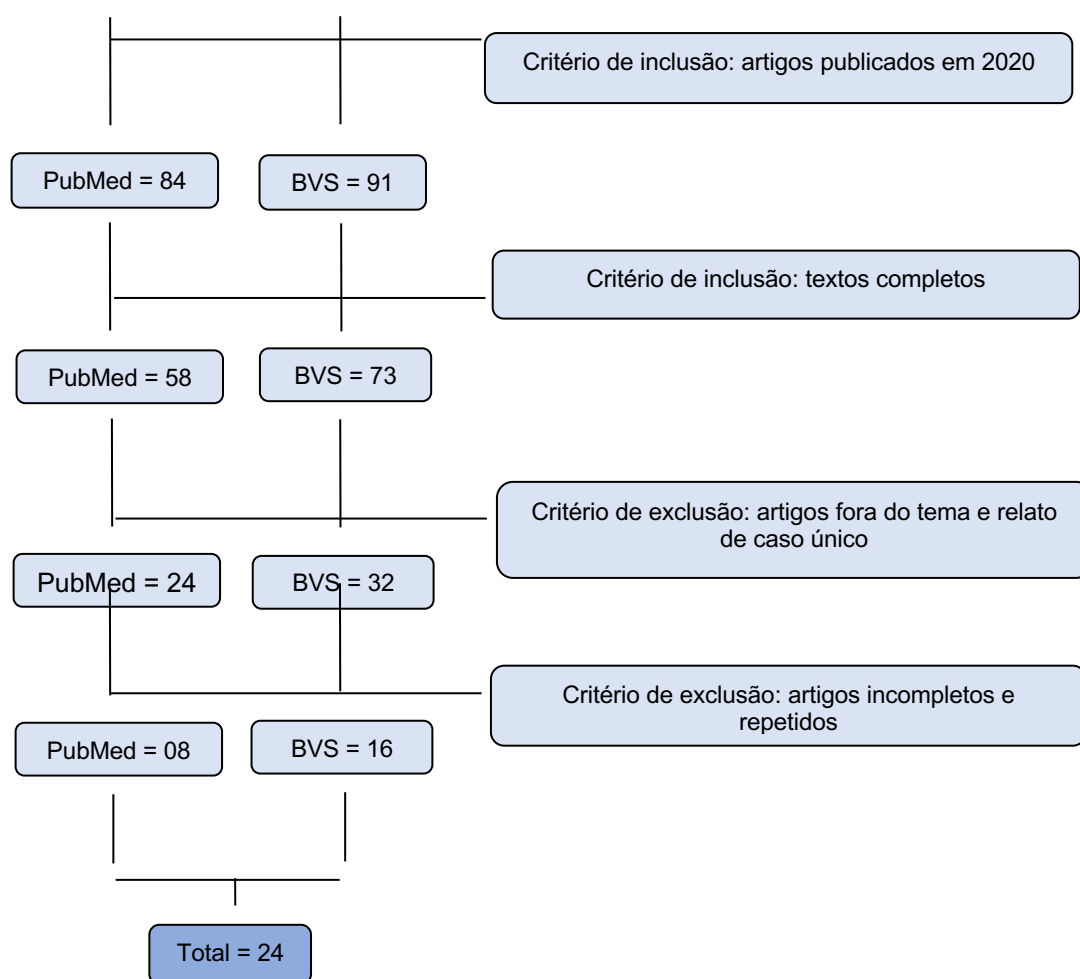
Foram realizadas buscas na base de dados da PubMed e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) – Bireme, em outubro de 2021, especificamente: Literatura Lática Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), Bases de Dados da Enfermagem (BDENF), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO).

Para a busca das referências foram utilizados os descritores: Atendimento de urgência; Médicos; Atendimento de emergência; Enfermagem; Estresse advindos do sistema de Descritores em ciências da saúde (DeCS), utilizando o marcador “AND”. Para regaste dos artigos, consideramos como critérios para inclusão artigos publicados nos anos de 2011 até setembro de 2021 com textos completos em língua portuguesa e inglesa e os critérios de exclusão foram os artigos repetidos, publicações com textos não disponíveis, fora das línguas supracitadas e estudos publicados com recorte temporal anterior à 2011.

A busca nas bases de dados resultou inicialmente em 249 artigos, sendo 138 na BVS e 111 na PubMed. Seguindo os critérios de seleção e elegibilidade, 24 estudos preencheram os critérios necessários à realização desta revisão. A figura 1 mostra os resultados da busca nas bases de dados.

Figura 1 - Fluxograma dos resultados da busca bibliográfica nas bases de dados.





Construo do autor (2022)

3. Resultados e Discussões

Análise dos dados e discussão dos resultados

Posterior à leitura reflexiva dos ensaios supracitados emergiram três categorias: situaes que evidenciam os fatores estressores em Urgência e Emergência; a influência dos fatores estressores na rotina de trabalho e na saúde do profissional e estratégias utilizadas para minimizar as consequências dos fatores estressores.



1ª Categoria: Situações que evidenciam os fatores estressores em Urgência e Emergência

Nos estudos que serviram como base para a análise em questão, percebeu-se que entre os frequentes fatores estressores que acometem os trabalhadores que atuam na Urgência e Emergência cita-se: o ambiente físico; a dificuldade de relacionamento entre os profissionais; o excesso de trabalho relacionado ao escasso número de profissionais onde fica notória a influência na qualidade da assistência prestada ao cliente; a rapidez de ação que precisa ter na tomada de decisões e nas realizações das intervenções de enfermagem (RODRIGUES, 2012; MOURA et al. 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; AZEVEDO et al., 2017; SANTANA et al., 2019).

No ambiente hospitalar predominam inúmeros fatores que geram insalubridade e sofrimento aos profissionais que nele atuam. A unidade emergência, dentro do hospital, pode ser considerada um dos ambientes em que os profissionais estão sujeitos a um maior sofrimento psíquico em decorrência da dinâmica do serviço que funciona continuamente (MELO et al., 2013; SILVA EVANGELISTA; RIBEIRO, 2020; OLIVEIRA MARINS et al., 2021; SILVA LOPES et al., 2021).

Vale mencionar que há outros fatores estressores que também são encontrados no dia a dia evidenciam-se: a utilização de mecanismos de defesas inadequados como à impaciência e a falta de cooperação no trabalho em equipe, o que resulta na sobrecarga de trabalho para alguns membros da equipe e a falta de continuidade das intervenções iniciadas, o que resultará na ineficiência da qualidade do atendimento prestado ao paciente (RODRIGUES, 2012; MOURA et al. 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; FLORÊNCIA et al., 2018; GARÇON et al., 2019).

Assim, pode-se dizer que os ruídos do setor proveniente dos equipamentos como os monitores, respiradores e bombas de infusão são necessários, pois quando alarmam, geralmente significam problemas, porém, devido à quantidade de equipamentos por paciente, os sons ficam com volume excessivo, o que ocasiona um ambiente desconfortável, interferindo no sono e descanso do paciente (RODRIGUES, 2012; BEZERRA; SILVA, 2012; OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

Nota-se que existem inúmeras situações no âmbito hospitalar que podem interferir na atuação em unidades de urgência e emergência tais como: ambiente extremamente seco, refrigerado, fechado e com falta de iluminação natural; ruídos internos contínuos e



intermitentes; inter-relacionamento constante entre os mesmos profissionais da equipe, durante o plantão, assim como a cobrança excessiva de segurança, respeito e responsabilidade com o paciente, em sofrimento, dor e com morte iminente, para a garantia da qualidade da assistência. Esses indicadores certamente resultam em um clima de trabalho tenso e cansativo, acarretando desmotivação, desentendimento entre os membros da equipe (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; BARROSO et al., 2015; AZEVEDO et al., 2017).

Há uma variabilidade de situações que podem desencadear os fatores estressores, em que se pode citar: a dificuldade de gestão da carga de trabalho direcionada ao enfermeiro; a dificuldade que o enfermeiro encontra em lidar com pacientes e familiares, principalmente no momento da morte ou na relação paciente versus enfermeiro e familiar versus enfermeiro; a falta de confiança e destreza para realização das suas atribuições e as diversas situações conflitantes vivenciadas pelo profissional no âmbito familiar (MOURA et al. 2011; ANDRADE et al., 2014; LEITE et al., 2018; NETO et al., 2020).

A assistência oferecida à pacientes na Urgência e Emergência é bastante polêmica, se de um lado ela requer intervenções rápidas, de outro, não se tem dúvida de que são espaços naturalmente mobilizadores de emoções e sentimentos que frequentemente se expressam de forma muito intensa (AZEVEDO et al., 2017).

2ª Categoria: A influência dos fatores estressores na rotina de trabalho e na saúde do profissional

Os médicos e enfermeiros atuam muitas vezes em ambientes penosos e insalubres, que não oferece condições favoráveis para sua saúde e satisfação pessoal. A precarização do trabalho, pelo excesso de atividade laboral física e mental, acúmulo de horas trabalhadas, sistema de vínculo empregatício, ou mesmo à má remuneração ocupacional no sistema de saúde são determinantes dos acidentes e doenças ocupacionais (MOURA et al. 2011; ANDRADE et al., 2014; LEITE et al., 2018; NETO et al., 2020).

Parte das doenças físicas, emocionais e mentais, que afetam os profissionais, apresentam relação com os fatores estresse e, de forma geral, tem afetado a toda classe trabalhadora, resultando em diversos ofensores as atribuições profissionais onde pode-se citar: absenteísmo, descumprimento de horário, interrupção do trabalho, equipes que não funcionam, queda de ânimo dos demais profissionais, influencia no comportamento no



ambiente de trabalho, atraso nos projetos, qualidade e quantidade de produção, reclamações, acidentes, permanência de equipamentos em manutenção ou parados, desperdício de materiais e suprimentos (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013).

No entanto, pode-se ressaltar que o estresse causa alterações do aparelho gastrointestinal, apresentando-se como queixas em destaque náuseas e diarreia comprometendo assim a capacidade deste profissional, pois em virtude do mal-estar físico psicológico; alterações do aparelho imunológico, sendo observados e relacionados calafrios, hipertermia, resfriados, gripes e infecções do aparelho respiratório; alterações psicológicas correlacionadas com ansiedade, insônia, dificuldade de conciliar o sono, irritação, angustia, pesadelos e tensão, necessitando de rápida intervenção, pois interfere diretamente na vida e promoção a saúde (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; BARROSO et al., 2015; AZEVEDO et al., 2017; FLORÊNCIA et al., 2018).

Estudos embasam a preocupação com os ruídos sonoros no setor de urgência e emergência, como possíveis causadoras de alterações psicológicas e fisiológicas entre os profissionais. Os setores de urgência e emergência se tornam ambientes de poluição sonora extrema, haja vista a tensão que determinados alarmes podem exercer nos profissionais. Cabe mencionar que Associação Brasileira de Normas Técnicas (2000) recomenda que os níveis de pressões sonoras equivalentes devam estar entre 35 e 45 dB da escala do ouvido humano como níveis aceitáveis para diferentes ambientes hospitalares (MACHADO et al. 2012; RODRIGUES, 2012; MOURA et al. 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; GARÇON et al., 2019).

Cabe mencionar que o trabalho noturno também está associado a níveis de estresse elevados entre os profissionais e isso, potencializa a ocorrência de complicações à saúde, uma vez que o desequilíbrio do ritmo biológico provoca maiores níveis de estresse e pior qualidade do sono. Esse fato, provavelmente, influencia a forma como o profissional avalia outros aspectos relacionados à sua atividade laboral, inclusive àqueles que se remete a assistência prestada ao paciente (INOUE et al. 2012; MOURA et al. 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; GARÇON et al., 2019; SILVA LOPES et al., 2021).

3ª Categoria: Estratégias utilizadas para minimizar as consequências dos fatores estressores



Estratégias defensivas são mecanismos por meio das quais o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que o faz sofrer. É um processo praticamente interno do indivíduo, já que ele geralmente não consegue, muitas vezes, mudar a pressão imposta pela organização do trabalho (MARTINS; RIBAZZI, 2016; SILVA LOPES et al., 2021).

Para que haja controle dos fatores estressantes nos setores de urgência e emergência e assim reduzir o estresse nos profissionais, sugere-se a realização de reuniões de equipe, planejamento das atividades e a valorização dos distintos saberes com ênfase nas experiências dos profissionais, em prol da saúde dos trabalhadores e da qualidade do trabalho (RODRIGUES, 2012; MOURA et al. 2011; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013; GARÇON et al., 2019; NETO et al., 2020).

Devendo buscar a autonomia, ter participação ativa nas decisões da equipe multiprofissional e, acima de tudo, obter melhorias para evitar a sobrecarga de trabalho, o que resultará em um bom ambiente de trabalho, trabalhador sadio e assistência de qualidade prestada ao paciente (OLIVEIRA MARINS et al., 2021).

Merece destaque como estratégia a realização de estudos com o objetivo de identificar os fatores estressantes na prestação da assistência na urgência e emergência, o que resultará na identificação das principais causas e sintomas que acometem essa classe de profissionais. A partir daí, pode-se obter subsídios para se propor meios de enfrentamento que cause danos cada vez menores aos trabalhadores que atuam nesses setores (LEITA et al., 2018; NETO et al., 2020).

Refere-se que a carga psíquica negativa gerada pela exposição contínua dos enfermeiros a essas situações de variabilidade que podem emergir os fatores estressores, entre elas o ruído, que entra como mais um agravante, provoca insatisfação e ansiedade, e devem ser administradas pelos profissionais através da estratégia de descontração por meio de brincadeiras e de conversas nos encontros, na realização das atividades e nas pausas (BORGES et al., 2019; NETO et al., 2020).

Em consonância aos autores, cabe-se ressaltar que o aumento do número de funcionários de acordo com a quantidade de leitos proporcionaria uma melhoria das condições de trabalho (Resolução COFEN 293/2004). Sabe-se que as atividades atribuídas aos enfermeiros que atuam na UTI são de alta complexidade, e quando estas atividades são elevadas, aumenta-se também a responsabilidade e a atenção que este



profissional precisa ter aos cuidados intensivos a estes pacientes (COFEN, 2004; CAMPONÊS et al., 2015; SILVA LOPES et al., 2021).

Resultados positivos têm sido observados na literatura, demonstrando que a inserção de práticas de atividades físicas no ambiente laboral tem colaborado de forma significativa para melhora nos domínios da saúde e na percepção de qualidade de vida. Diante disso, medidas simples e baratas como a avaliação do nível de atividades físicas e o acompanhamento destes profissionais podem prevenir problemas futuros de saúde, diminuindo o absenteísmo hospitalar, aumentando o rendimento pessoal e consequentemente possibilitando a melhora da qualidade do serviço prestado à população (NETO et al, 2013; FLORÊNCIA et al., 2018; FREITA LOPES; SANTOS, 2020).

4. Conclusão

Conclui-se nesta pesquisa que os setores de urgência e emergência são classificados como um setor muito estressante, por estar reservado para pacientes que necessitam de cuidados de alta complexidade, visto que em sua maioria encontram-se em estado de saúde crítico.

O problema do desgaste profissional de saúde permeia o ambiente laboral desses profissionais, produzindo um estresse crônico e incidindo diretamente sob a qualidade do trabalho realizados por eles.

A partir dessa constatação, acredita-se que a identificação dos elementos estressores em atendimentos de urgência e emergência, corresponde a um dos grandes agentes de transformação dessa realidade. Produzindo ações no sentido da valorização dos aspectos humanos e profissionais desses sujeitos. Nesse sentido, cabe destacar a importância do reconhecimento dos estressores e de seus efeitos sobre o organismo, para que sejam adotadas medidas de enfrentamento a fim de evitar distúrbios psicológicos e fisiológicos.

Contudo a pesquisa em questão revelou ainda que a qualidade dos cuidados oferecidos por este profissional não depende apenas de sua habilidade técnica, mas também de seu bem-estar psicológico. Portanto, torna-se essencial realizar estudos buscando identificar fatores estressantes que podem acometer o profissional na realização da assistência aos pacientes, e identificar suas principais causas e sintomas.



Nesse sentido, não é correto afirmar que os fatores citados são determinantes para a ocorrência do estresse nos setores de urgência e emergência, entretanto, fica claro que há necessidade de se instrumentalizar cada vez mais esses trabalhadores para que a avaliação do estressor seja feita com base nos mecanismos de enfrentamento disponíveis, possibilitando a menor ocorrência de estresse para o indivíduo.

Assim, entende-se que é relevante que se examine as fontes de estresse, com o objetivo de trucidar os fatores estressores no âmbito hospitalar, o que resultará em ambientes saudáveis e com melhores condições de trabalho no sentido de prevenir reações adversas que podem ter consequências não só na saúde e bem-estar dos profissionais, mas, também, no desempenho profissional e na qualidade da assistência prestada ao paciente, contribuindo ainda, para diminuição do tempo de internação e possibilidade uma recuperação mais rápida e eficiente. Surgindo a necessidade de políticas de melhoria das condições de trabalho e de apoio psicológico aos profissionais de saúde que contribuam para amenizar os efeitos colaterais ao longo prazo.

Referências

ANDRADE MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 2017.

ANDRADE, Maria Clara Miranda; JÚNIOR, Antonio Carlos Siqueira. Estresse ocupacional no serviço de atendimento móvel de urgência. **Revista Mineira de enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 376-391, 2014.

AZEVEDO, Valdesio Giovanni Borges et al. Estresse ocupacional em profissionais de saúde que atuam em unidades de urgência e emergência. **Revista Interdisciplinar**, v. 10, n. 4, p. 112-124, 2017.

BARROSO, Marianna Leite et al. Estresse e uso de álcool em enfermeiros que trabalham em urgência e emergência. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 13, n. 2, p. 60-75, 2015.

BEZERRA, Francimar Nipo; SILVA, Telma Marques da; RAMOS, Vânia Pinheiro. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, p. 151-156, 2012.



BORGES, Elisabete Maria das Neves et al. Fadiga por compaixão em médicos de urgência e emergência hospitalar de adultos. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 27, 2019.

CAMPONÊS, Diego Lurentt et al. Exposição da equipe de enfermagem e médicos ao estresse no ambiente de trabalho na unidade de urgência e emergência. **Life Style**, v. 2, n. 1, p. 31-44, 2015.

COFEN. Código de Ética e Legislação. Resolução COFEN 293/2004.

FLORÊNCIO, Fernanda Caroline et al. Riscos ocupacionais evidenciados nos profissionais de saúde inseridos nas unidades de urgência e emergência. **Enfermagem Brasil**, v. 17, n. 5, p. 535-541, 2018.

FREITAS LOPES, Danielle; SANTOS, Rayane Bezerra; GIOTTO, Ani Cátia. Síndrome de Burnout e os seus Efeitos sobre a Vida dos Profissionais de Enfermagem da Urgência e Emergência. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 3, n. 1, p. 350-9, 2020.

GARÇON, Tatiana Aparecida Freitas et al. Fatores desencadeantes de estresse do profissional na unidade de urgência e emergência. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 87, n. 25, 2019.

GUERRER, F.J; BIANCHI, E.R.F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP**. 2008; v.42, n.2, p.355-62.

INOUE, K.C; VERSA, G.L.G.S; MURASSAKI, A.C.Y; MELO, W.A; MATSUDA, L.M. Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico. **Rev. Bras Enferm**. 2013, v. 66, n. 5, p. 722 – 729.

LEITE, Tailana Santana Alves. Estresse Ocupacional em Enfermeiros que atuam na Urgência e Emergência: Uma Revisão Integrativa. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 11, p. 268-276, 2018.

MACHADO, D.A; LOURO, T.Q; FIGUEIREDO, N.M.A; VIANNA, L.M.A. O esgotamento dos profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa sobre síndrome de burnout em UTI. **Rev. Pesq. Cuid. Fundam. Online**. 2012. v. 4, n. 4, p. 2765 – 4775.

MARTINS, J.T; ROBAZZI, M.L.C. estratégias defensivas utilizadas por enfermeiros de unidade de terapia intensiva: reflexão na ótica dejouriana. **Cienc Cuid Saude**, v. 11(suplem.), p. 034 – 041.

MELO, Márcio Vieira et al. Estresse dos profissionais de saúde nas unidades hospitalares de atendimento em urgência e emergência. **Caderno de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde-UNIT-PERNAMBUCO**, v. 1, n. 2, p. 35-42, 2013.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. A produção de conhecimentos na interface entre as ciências sociais e humanas e a saúde coletiva. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 21-31, 2013.

MOURA, K.S; ARAÚJO, L.M; ARAÚJO, L.M; VALENÇA, C.N; GERMANO, R.N. A vivência do enfermeiro em terapia intensiva: estudo fenomenológico. **Rev Rene**. 2011, v. 12, n. 2, p. 316 – 323.

NETO, A.C.F.A; ARAÚJO, R.C; PITANGUI, A.C.R; MENEZES, L.C; FRANÇA, E.E.T; COSTA, E.C; ANDRADE, F.M.D; JUNIOR, M.A.V.C. Qualidade de vida e nível de atividade física de profissionais de saúde de unidades de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**. 2013, v. 18, n. p, p. 711 – 719.

NETO, Henrique de Souza Medeiros et al. Fatores contribuintes para estresse na urgência e emergência em tempos de pandemia do COVID-19: o enfermeiro em foco. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e35891110002-e35891110002, 2020.

OLIVEIRA MARINS, Thiago Valentim et al. Enfermeiro na linha de frente ao COVID-19: A experiência da realidade vivenciada. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e710986471-e710986471, 2020.

OLIVEIRA, E. B; LISBOA, M.T.L. Exposição ao ruído tecnológico em CTI: estratégias coletivas de defesa dos trabalhadores de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enfermagem**. 2009; v.13, n.1, p.24-30.

OLIVEIRA, L.C; OLIVEIRA, L. Estresse da equipe de enfermagem no ambiente de UTI. 2013. Monografia (Programa de Aprimoramento Profissional) – Faculdade de Enfermagem, Fundação do Desenvolvimento Administrativo – FUNDAP.

RODRIGUES, T.D.F. Fatores estressores para a equipe de enfermagem da unidade de terapia intensiva. **Rev. Reme**. 2012. v. 13, n. 3.

SANTANA, Rosane da Silva et al. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência de um hospital público de Teresina (PI). **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v. 17, n. 1, p. 76-82, 2019.

SANTOS, F.D.S; CUNHA, M.H.F; ROBAZZI, M.L.C.C; PEDRÃO, R.L.J; SILVA, L.A; TERRA, F.S. O estresse do enfermeiro nas Unidades de Terapia Intensiva adulta: uma revisão da literatura. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. 2010; v.6, n.1, p.12.

SELYE, H. Stress: a tensão da vida. 2. ed. Trad. Frederico Branco. São Paulo: Ibrasa, 1965. apud SILVA, G.L. YAMADA, K.N. Estresse ocupacional em trabalhadores de uma unidade de internação de um hospital-escola. **Rev. Cienc Cuid Saúde, Paraná**. 2008; v.7, n.1, p.098-105.



SILVA EVANGELISTA, Denilson; RIBEIRO, Wanderson Alves. Síndrome de Burnout e o estresse vivenciados pelos enfermeiros do centro de terapia intensiva: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e733974327-e733974327, 2020.

SILVA LOPES, Deuzenir Ribeiro et al. ESTRESSE OCUPACIONAL DEVIDO À SOBRECARGA DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS: SCOPING REVIEW. **DêCiência em Foco**, v. 5, n. 1, p. 63-76, 2021.